

Em uma aldeia Parakanã

Yumi Gosso & Emma Otta

Atualmente existem no Brasil aproximadamente 200 povos indígenas, com cerca de 250 mil pessoas falando 170 línguas (Montserrat, 1994). Alguns povos já estão miscigenados com as demais etnias existentes no país sem que tenham preservado sua cultura, enquanto outros, como é o caso dos Parakanã, ainda mantêm boa parte de sua identidade cultural embora tenham contato com os não-índios.

Os índios Parakanã vivem no sudeste do estado do Pará e foram contatados pela FUNAI na década de 1970. Durante a construção da estrada Transamazônica houve contatos indiscriminados com os construtores e várias doenças proliferaram, resultando em um processo depopulacional (Carvalho, 1994). Com o intuito de recuperar este povo, iniciou-se em 1987 o Programa Parakanã (PROPKN), com o patrocínio da ELETRONORTE e participação da FUNAI. O Programa tem como objetivo: 1) garantir o usufruto exclusivo pelos Parakanã da área demarcada e reconhecida como terras dos Parakanã; 2) resgatar a independência econômica e cultural dos Parakanã; 3) melhorar as condições gerais de vida, segundo as aspirações dos próprios Parakanã; 4) equilibrar as relações econômicas e culturais entre a comunidade Parakanã e a sociedade nacional; 5) ampliar a compreensão dos Parakanã acerca da realidade sócio-política brasileira (Carvalho, 1994).

O Programa oferece assistência à saúde, educação e apoio à produção e defesa do território, tendo como premissa o respeito aos valores Parakanã. Para isso, o Programa mantém um posto de enfermagem e uma escola em cada uma das aldeias. Os índios são alfabetizados na língua Parakanã e o Português é ensinado como segunda língua, sempre procurando valorizar o processo educativo nativo (Carvalho, 1994).

Comparando-se os trabalhos referentes aos diferentes grupos indígenas, há relativamente poucas publicações sobre os índios Parakanã, talvez pelo fato de terem sido contatados mais recentemente, na década de 70. Existem trabalhos sobre esse povo indígena que se referem à história do contato, à delimitação da reserva (Magalhães, 1982), sua relação com o território e sistema de relações sociais (Magalhães, 1994), sua mitologia (Silva, 1997; Magalhães, 1994), composição familiar de uma das aldeias (Vidal, 1984/1985) e caça de subsistência praticada por eles (Emidio-Silva, 1998). Entretanto, não há nenhuma referência específica às atividades das crianças e suas formas de interação. Um estudo mais específico sobre o assunto foi iniciado por Gosso (1999), tendo como referencial a Etologia Humana.

Investigar as atividades das crianças é particularmente interessante, uma vez que os índios Parakanã caracterizam-se por ainda manterem tradições que lhes conferem uma identidade cultural. Não há acesso a televisão, uma vez que não há energia elétrica. Nesse contexto, as práticas observadas podem ser consideradas frutos, praticamente exclusivos, da cultura em que o grupo está inserido. Este é um ponto que merece ser destacado principalmente porque a maioria dos estudos sobre brincadeiras infantis enfoca as crianças de centros urbanos ou da periferia das cidades que, de uma forma ou de outra, recebem muita influência dos meios de comunicação de massa. Por exemplo, em um estudo de Moraes e Carvalho (1994), sobre brincadeiras de faz-de-conta das crianças de quatro anos no pátio de uma pré-escola, observou-se que havia muita influência de filmes e de desenhos animados na escolha dos temas e de personagens.

Sendo assim, torna-se mais curioso ainda, verificar como brincam as crianças indígenas Parakanã que vivem praticamente isoladas em uma cultura em que os papéis desempenhados por cada gênero são bem definidos e a comunidade trabalha em prol do grupo todo.

Os Parakanã vivem da caça de animais silvestres entre eles o jabuti (encontrado mais comumente), a anta, o veado (carne mais apreciada por eles), o jacaré e da coleta de frutos e de sementes. Entretanto, essas atividades são complementadas com o cultivo de arroz, milho e banana (mais especificamente para venda) e mandioca (para consumo), sendo que deste último produto se extrai a farinha d'água, alimentação básica dos Parakanã. O plantio da mandioca é efetuado por homens e mulheres, mas a colheita e o processo de transformação em farinha é um trabalho executado exclusivamente pelas mulheres (Figura 1).



Figura 1 – Casa de farinha da aldeia Paranowaona.

A atividade de caça é executada pelos homens e pode ser realizada em pequenos grupos com laços de parentesco, em grupos maiores envolvendo praticamente todos os homens da aldeia ou em grupos familiares incluindo as mulheres. Às mulheres cabe a tarefa de carregar a caça até a aldeia em uma espécie de cesto de folha de palmeira feita na própria mata. Estes cestos, denominados *peyra* (Figura 2), são usados para carregar não só a caça, mas frutos, mandioca, lenha e também utensílios domésticos em caso de mudança. Na maioria das vezes os cestos são carregados pelas mulheres.



Figura 2 – Cesto de palha (*peyra*) utilizado no transporte de produtos, caça e utensílios.

Os Parakanã praticam infanticídio em algumas circunstâncias. Quando uma mãe que ainda amamenta seu filho falece, seu bebê é enterrado vivo juntamente com o corpo dela. Atualmente esse costume não é encontrado em função da diminuição da mortalidade dos índios como um todo. Entretanto, o infanticídio de gêmeos ainda é comum, ocorre também ocasionalmente (um episódio em julho de 2000), quando há suspeita de que a criança é fruto de adultério.

O dialeto Parakanã utilizado por esses índios é de origem Tupi, da família Tupi Guarani, cuja língua é o Akwawa (Montserrat, 1994). Este dialeto não possuía escrita, mas com o intuito de preservar a cultura do povo, o PROPKN fez um levantamento dos fonemas

utilizados pelos índios para tornar a escrita possível. Somente os mais jovens falam a língua portuguesa, utilizando-a para comunicar-se com as pessoas que trabalham nas aldeias, visitantes não índios ou quando viajam para cidades próximas. *“Entre eles a comunicação se faz unicamente na língua Parakanã”* (Emídio-Silva, 1998, p. 12).

Os casamentos mais apreciados são aqueles realizados com a filha da irmã ou com a filha da irmã do pai (Magalhães, 1994). Algumas famílias Parakanã são constituídas de um homem e várias mulheres de faixas etárias diferentes, morando todos juntos com as crianças. Na aldeia Paranowaona, uma das cinco aldeias Parakanã onde o presente estudo foi realizado, entre as 13 famílias havia cinco casamentos poligínicos (quatro com duas mulheres e um com três) e oito monogâmicos.

Os homens são responsáveis pelas transações comerciais e pela organização política da aldeia, além da atividade de caça, auxílio na plantação e defesa de território. As mulheres são submissas aos homens e cabe a elas a responsabilidade pela realização de tarefas domésticas, como preparo de alimento, transporte de água para a casa e cuidado da prole (Figura 3).

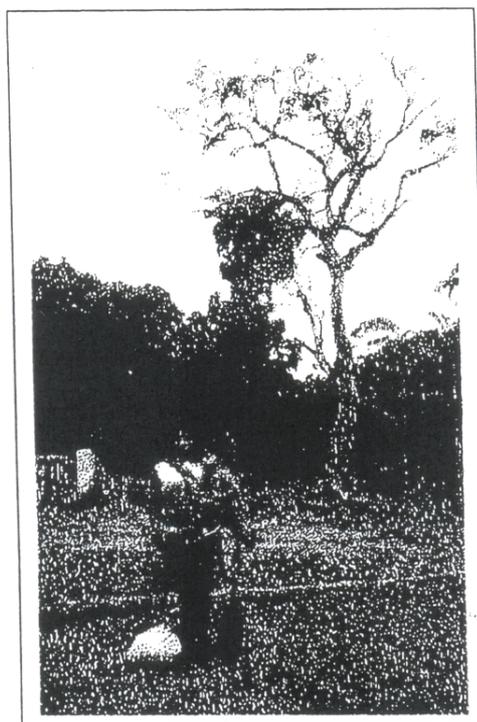


Figura 3 – Mulher Parakanã da aldeia Itaygo'a.

As mulheres e as crianças só saem da aldeia em caso de doenças, quando é necessário tratamento em hospitais. Portanto, o contato com membros externos ao grupo restringe-se às pessoas ligadas ao Programa que vivem nas aldeias. Os homens têm mais contato com os

indivíduos externos à aldeia, por se deslocarem até a cidade para realizar transações comerciais. Essas visitas a cidades próximas são organizadas pelo Programa Parakanã, que providencia o transporte dos índios e de seus produtos e determina as datas.

As crianças, de um modo geral, passam grande parte do tempo andando pela aldeia até os arredores, brincando, trabalhando ou em busca de frutas para o seu próprio sustento e de seus irmãos menores. Normalmente as atividades das crianças não são monitoradas por adultos. As crianças maiores cuidam dos irmãos mais novos longe da presença dos adultos (Figura 4). Mesmo crianças pequenas de cinco anos podem ser observadas carregando seus irmãos ou primos recém-nascidos.

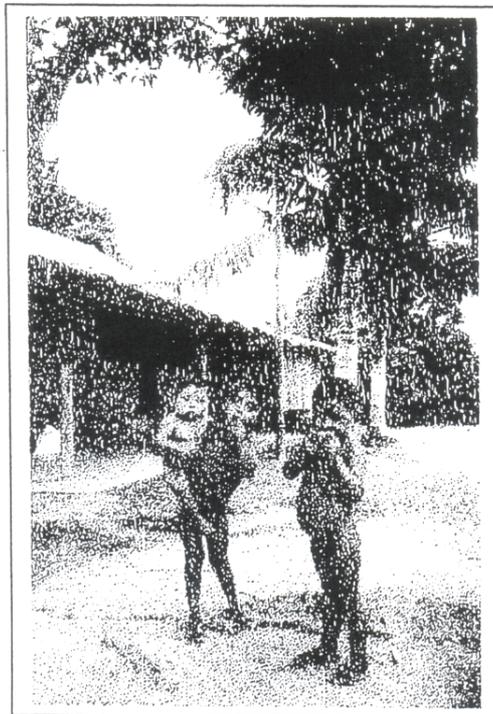


Figura 4 - Foto ilustrativa do cuidado entre crianças.

O cuidado entre crianças é mais comum nas sociedades tradicionais, onde há várias famílias convivendo juntas e realizando diversas atividades em conjunto para a sobrevivência do grupo. Neste tipo de ambiente, crianças de diferentes idades passam a maior parte de seu tempo juntas cuidando uma das outras e, principalmente, brincando. Nas sociedades urbanas atuais, nas quais o número de crianças por família está diminuindo cada vez mais e a inserção das crianças em creches, em grupos de mesma idade, vem se tornando comum, as oportunidades de interação com não-coetâneos estão se tornando mais raras. Carvalho e Beraldo (1989) criticam essa falta de oportunidade que as crianças de hoje têm, pois, segundo as autoras, isso implica na falta de experiência com tipos de contato social como a

“maternagem”. Este termo é definido por elas como o comportamento de cuidar do outro, que geralmente ocorre quando uma criança mais velha interage com uma mais nova. Segundo Lordelo e Carvalho (1989) as relações entre diferentes grupos etários possuem a função de transmitir conhecimentos, técnicas e valores sociais e a aprendizagem de papéis sociais específicos. Tudo isso estaria sendo facilitado pela posição intermediária ocupada pela criança maior.

Muitos povos indígenas, como os Parakanã, ainda convivem em grandes grupos, como se toda a aldeia fizesse parte de uma mesma família. Nesse contexto, crianças de diferentes faixas etárias têm a oportunidade de conviver juntas, exercitando o cuidado entre si e aprendendo umas com as outras. As atividades de crianças que vivem nesse tipo de ambiente devem ser diferentes daquelas que vivem em creches com colegas da mesma idade.

Ambiente físico

Os índios Parakanã habitam uma área demarcada, homologada e registrada no Serviço de Patrimônio da União, que mede 351.697 ha, situada nos municípios de Novo Repartimento e Itupiranga, no sudeste do estado do Pará. A área demarcada, cercada de mata nativa, localiza-se a oeste do rio Tocantins, entre as latitudes 4° 15' S e 5° S e as longitudes 49° 45' W e 50° 30' W (Emídio-Silva, 1998).

Os Parakanã estão subdivididos em dois grupos, oriental e ocidental, com algumas diferenças dialetais e culturais entre eles (Emídio-Silva, 1998). Os orientais distribuem-se nas aldeias de Paranatinga, Paranowaona e mais recentemente na aldeia Itaygo'a, enquanto os ocidentais, nas aldeias de Maroxewara e Inaxyganga. A aldeia de maior facilidade de acesso é também a mais antiga e chama-se Parantinga, localizada a 8 km da Rodovia Transamazônica. O acesso às demais aldeias é difícil, pois embora o uso da estrada seja possível, existem épocas do ano em que é mais aconselhável a utilização de transporte fluvial, através de pequenos barcos a motor pilotados pelos próprios índios. A Figura 5 mostra a terra indígena Parakanã, bem como a localização das aldeias existentes.

A população total de índios Parakanã na reserva, segundo o censo de 2000 (Programa Parakanã, 2000), é de 502 habitantes entre orientais e ocidentais, sendo 51% de homens e 49% de mulheres, com média de idade de 18 anos. A população distribui-se entre as cinco aldeias da seguinte forma: 145 habitantes em Paranatinga, 87 em Paranowaona, 90 em Itaygo'a, 92 em Maroxewara e 88 em Inaxyganga.

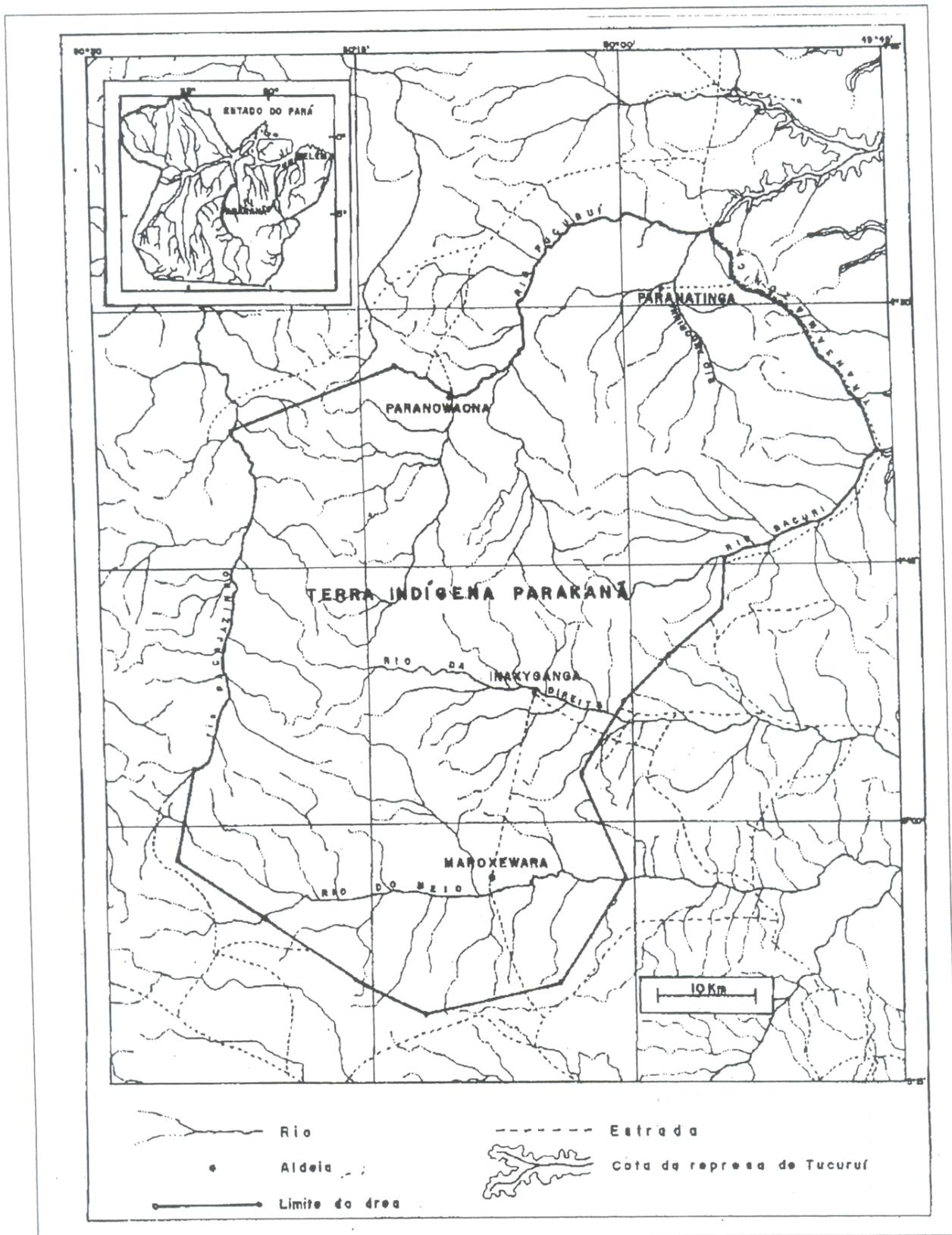


Figura 5 - Localização da Terra Indígena Parakanã no sudeste do estado do Pará, com suas respectivas aldeias (Adaptado de Emídio-Silva, 1998).

Diante de uma cultura tão diferente da nossa, com grupos de cerca de cem indivíduos, caçando, coletando e comercializando poucos produtos, surgem algumas questões, tais como: o que fazem as crianças? Como elas preenchem o seu tempo? Como será que brincam? Como o seu brincar reflete universais da natureza humana e como reflete peculiaridades da sua cultura?

Embora a brincadeira seja uma atividade universal entre as crianças de diferentes populações, cada cultura possui uma forma peculiar de expressão que é um reflexo das características ambientais específicas. Bruner (1978) e Smith (1988) atribuem grande importância à brincadeira por ela possibilitar a prática e conseqüentemente a aprendizagem de certas habilidades e comportamentos importantes na vida adulta, servindo como meio de ensinar as convenções da sociedade em que a criança está inserida e contribuindo para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Desta forma, o estudo da brincadeira é importante não só para compreender as interações infantis, mas também como uma estratégia de investigação sobre o comportamento dos adultos de uma sociedade, pois comumente o acesso à criança é mais fácil do que o acesso à observação do comportamento dos adultos em ambiente natural. Bruner (1978) afirma que "*A brincadeira entre humanos inevitavelmente reflete a cultura na qual ela ocorre*" (p.21).

METODOLOGIA

A coleta de dados foi realizada no período de janeiro a julho de 2000. Participaram da pesquisa todas as 30 crianças indígenas Parakanã da aldeia Paranowaona (Figura 6) na época do estudo, com idades entre quatro e doze anos, sendo 13 meninos e 17 meninas. Entretanto, apenas para uma das meninas houve dificuldades de se conseguir um número razoável de registros, portanto optou-se por descartar os dados dela. As crianças foram subdivididas em duas classes etárias, de quatro a seis anos (oito meninas e seis meninos) e de oito a doze anos (oito meninas e sete meninos). Salientamos que não havia nenhuma criança de sete anos na aldeia na época da coleta de dados.

Foram realizadas observações sistemáticas de cada criança utilizando-se o método sujeito focal (Altmann, 1974). Cada sessão durava cinco minutos. As atividades realizadas eram anotadas através de registro cursivo pela observadora em folha de registro previamente preparada. A ordem de observação das crianças era aleatória, sendo que após a observação de todos os presentes no ambiente, nova seqüência aleatória era obedecida segundo sorteio.

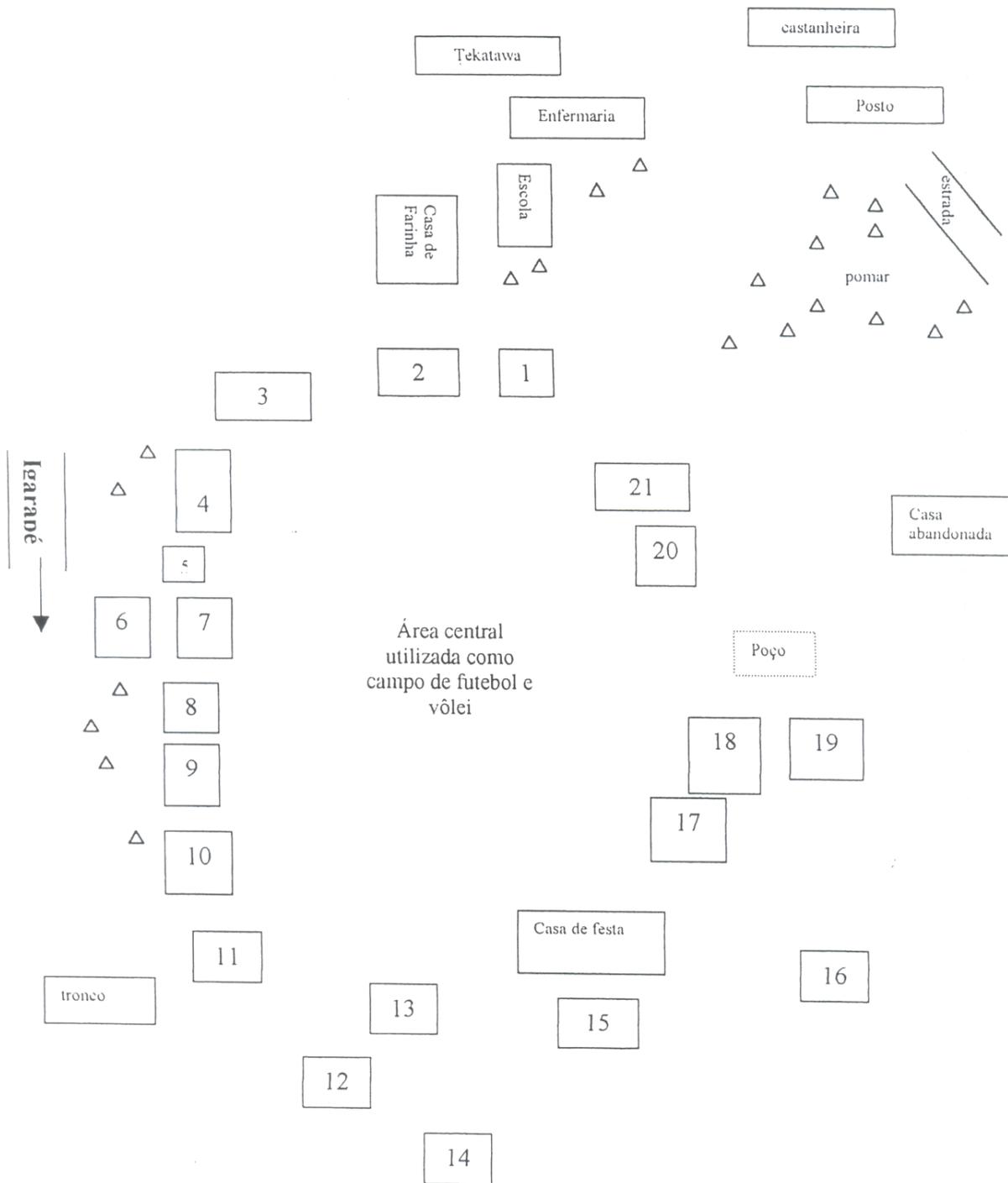


Figura 6 – Desenho esquemático da aldeia Paranowaona: 1 Cozinha de Amynyxoa, 2 Casa de Amynyxoa, 3 Cozinha de Xae'oma (Capitão da aldeia), 4 Casa do Xae'oma, 5 Casa sem uso (somente com o teto), 6 Casa de Xatirare com Karema (sua 1ª esposa), 7 Casa de Xatirare com Taekyxa (sua 2ª esposa), 8 Cozinha de Motiapewa (1º cacique), 9 Casa de Motiapewa, 10 Casa de Xowokoa, 11) Casa de Karowarywa, 12 Casa de Owypygoa (3º cacique), 13 Cozinha de Owypygoa, 14 Casa de Itinga, 15 Casa de Maxaro'a, 16 Casa de Mokaxywa, 17 Casa de Kamoria, 18 Casa de Ipyraky (2º cacique), 19 Cozinha de Ipyraky, 20 Casa de Kaiwyga, 21 Cozinha de Kaiwyga.

BRINCADEIRAS INFANTIS

A categorização de brincadeira utilizada neste trabalho foi baseada em Moraes (trabalho não publicado), modificada a partir de Parker (1984), dividindo-se a brincadeira em seis tipos: 1) contingência física/exercício sensório-motor, 2) contingência social, 3) simbólica ou imaginativa, 4) turbulentas/agonísticas, 5) jogos de construção e 6) jogos de regras. Cada episódio de brincadeira observado foi classificado em uma dessas categorias que serão descritas a seguir.

1) BRINCADEIRAS DE CONTINGÊNCIA FÍSICA/DE EXERCÍCIO SENSÓRIO-MOTOR

As brincadeiras de contingência física são aquelas em que a criança, utilizando-se de objetos, exercita relações espaciais e causais e aprende a força e a função dos instrumentos manuseados. A criança percebe através dessa brincadeira que sua ação no objeto provoca efeitos contingentes. Segundo Parker (1984), esse tipo de brincadeira é uma forma adaptativa da prática de instrumentos.

As brincadeiras sensório-motoras são espécies de exercícios de atividade motora que estimulam principalmente as sensações cinestésicas e de equilíbrio dinâmico. O prazer parece estar na execução da própria atividade sem nenhuma finalidade utilitária, o que a diferencia das práticas sérias.

1.1) Arco e flecha

Os meninos podiam ser vistos utilizando arco e flecha em tamanho reduzido, confeccionado por eles mesmos ou pelos pais. O arco era de madeira com barbante de algodão e a flecha era de bambu, com a ponta afinada e com algumas penas pequenas de galinha na outra extremidade. Tive a oportunidade de experimentar o uso de alguns arcos das crianças e pude observar que o barbante era muito bem esticado e exigia uma certa força para lançar a flecha. Eu mesma e alguns funcionários do PROPKN tivemos dificuldades em lançar as flechas tão satisfatoriamente como as crianças faziam. Somente alguns funcionários do sexo masculino, que tinham alguma experiência prévia nessa atividade, conseguiam fazer com que a flecha apresentasse um percurso esperado, desenhando um arco aberto no céu. Quando os demais tentavam lançar a flecha, ela caía no chão, em posição horizontal, assim que era solta da mão.

Esta brincadeira parecia ser tipicamente masculina, pois houve apenas uma vez em que uma menina de 12 anos foi observada com arco e flecha de brinquedo. Nesta ocasião, ela estava nas proximidades da mata acompanhada de um menino de quatro anos. Assim que ela percebeu a presença da observadora, entrou na mata e não foi mais vista naquele dia.

Nesse tipo de brincadeira era comum observar mais de um menino lançando sua flecha juntamente com o(s) seu(s) colega(s) (Figura 7). Após o lançamento, cada um observava o movimento de sua flecha, ia pegá-la e a lançava novamente. Na maioria das observações não havia um alvo específico, nem parecia haver uma competição no que dizia respeito à direção da flecha ou à distância percorrida por ela.

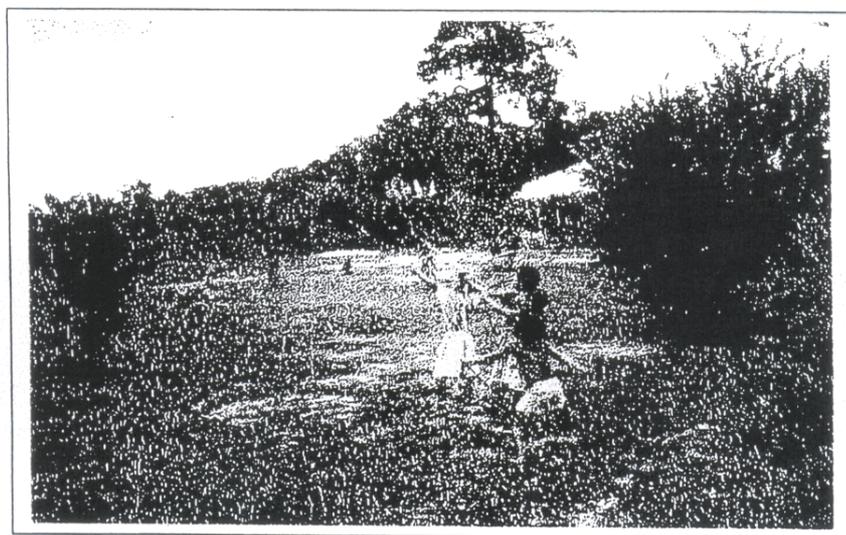


Figura 7 – Meninos brincando de arco e flecha.

Arara'ywa (8 anos, M) atira sua flecha e vai buscá-la. Pega-a e atira em direção ao ponto inicial. Corre em direção ao local onde caiu. Procura a flecha. Ri quando a encontra. Observa Apy'ia (8 anos, M) e Ma'apyga (10 anos, M) procurarem suas respectivas flechas. Ajuda a procurar. Acha uma das flechas pendurada no galho de uma árvore e mostra para Ma'apyga, que dá um sorriso largo. Corre para pegar a flecha, atira em direção ao ponto inicial, volta sorrindo para pegar sua flecha. Pega sua flecha, atira novamente e vai pegá-la na companhia de Ma'apyga.

Havia casos em que as crianças colocavam propositadamente algum alvo a ser atingido pela flecha. Essa modalidade da brincadeira de arco e flecha foi observada poucas

vezes e com o envolvimento de apenas uma criança. Os alvos que foram utilizados foram uma caixa de papelão e uma batata.

Kyryry'ia (8 anos, M) observa outras crianças com arco e flecha na mão. Atira a sua flecha e sorri. Pega sua flecha, mira uma batata a uma distância de um palmo da flecha. Atira e acerta. Pega a flecha, mira novamente dando maior distância e erra duas vezes. Tenta novamente e acerta. Pega a flecha com a batata espetada e caminha em direção à sua casa.

Os arcos e flechas das crianças não eram utilizados para realizar caçadas reais. Mesmo alguns meninos que já caçavam, sabendo inclusive manusear uma espingarda, ou acompanhavam a caçada dos adultos, não levavam os instrumentos utilizados nas brincadeiras para uma caçada real. É interessante também que embora a maioria dos adultos utilizasse atualmente a espingarda para caçar, as crianças brincavam de arco e flecha. Não se via nenhuma espingarda de brinquedo entre as crianças. Talvez isso ocorresse porque as espingardas não fossem fabricadas pelos índios e, portanto, eles não dominassem a técnica de confecção.

Em uma das observações, dois meninos estavam tentando, sem sucesso, capturar uma lagartixa com arco e flecha. Certa vez, enquanto realizava outras atividades na aldeia, pude observar, por duas vezes, a captura de um rato utilizando esse instrumento. Em um dos casos, havia um grupo de meninos entre sete e dez anos correndo atrás de um rato que havia se refugiado no meio de arbustos. Em outra ocasião, um adolescente de 15 anos subiu em uma escada para atirar a sua flecha em um rato que estava escondido no telhado de sua casa. Este último caso parecia ser mais uma tentativa de se ver livre de um animal que estava incomodando do que uma brincadeira. No exemplo a seguir, esse mesmo adolescente brinca de arco e flecha com uma das crianças observadas.

Waripa (10 anos, M) aproxima-se do mato e mira uma lagartixa com sua flecha. Caminha dentro do mato mirando, atira, mas não acerta. Segue Ape'ea (15 anos, M) e procura outra lagartixa. Caminha por uma trilha na mata e depois vai para o pomar do posto. Atravessa o pomar e segue Ape'ea no canavial. Mira uma lagartixa, mas deixa Ape'ea atirar e entra no meio das canas-de-açúcar. Sai do canavial

correndo tirando formigas das costas. Corre seguindo Ape'ea. Dá uma volta por trás do posto juntamente com Ape'ea, procurando outra lagartixa. Entra no mato ainda seguindo Ape'ea.

Geralmente a brincadeira de arco e flecha, que é uma espécie de treino de uso de instrumentos, é realizada na própria aldeia ou nos seus arredores, sempre durante o dia. Ou seja, o ambiente em que se pratica essa atividade é seguro. Embora os dados tenham sido coletados somente durante a fase de claro do dia, provavelmente os meninos não brincavam de arco e flecha durante a noite porque eles participavam das reuniões noturnas masculinas que ocorriam diariamente. Essas reuniões não tinham horário fixo, mas geralmente iniciavam aproximadamente às 20:00h e, dependendo do volume de assuntos a serem discutidos, poderiam terminar por volta de meia-noite.

Outro fato curioso é que os três exemplos apresentados poderiam ser classificados em níveis de complexidade diferentes. O primeiro caso foi o mais simples, porque não havia um alvo a ser atingido; no segundo o alvo existia, mas era estático e; finalmente, no último exemplo, o alvo passou a ser um animal vivo. Vale ressaltar que a idade dos praticantes também diferiu, pois quanto mais complexa a tarefa, maior era a criança que a praticava.

1.2) Nadar no rio

As crianças, geralmente em duplas, mas às vezes também em grupos que podiam chegar até a 16 indivíduos, nadavam ou simplesmente ficavam mergulhando no rio que banhava a aldeia. Algumas vezes um grupo de crianças divertia-se apenas pulando rio acima e sendo arrastado rio abaixo pela correnteza. Saíam da água correndo, subiam o barranco na beira do rio, corriam até o ponto inicial e pulavam novamente na água, repetindo a sequência várias vezes (Figura 8).

Maio'oa (11 anos, F) nada com várias crianças rio abaixo e sai da água. Sobe o barranco correndo para outra parte do rio. Continua correndo com os colegas. Desce o barranco e pula na água. Nada novamente (...). Sai da água e corre barranco acima. Pula no rio e nada.

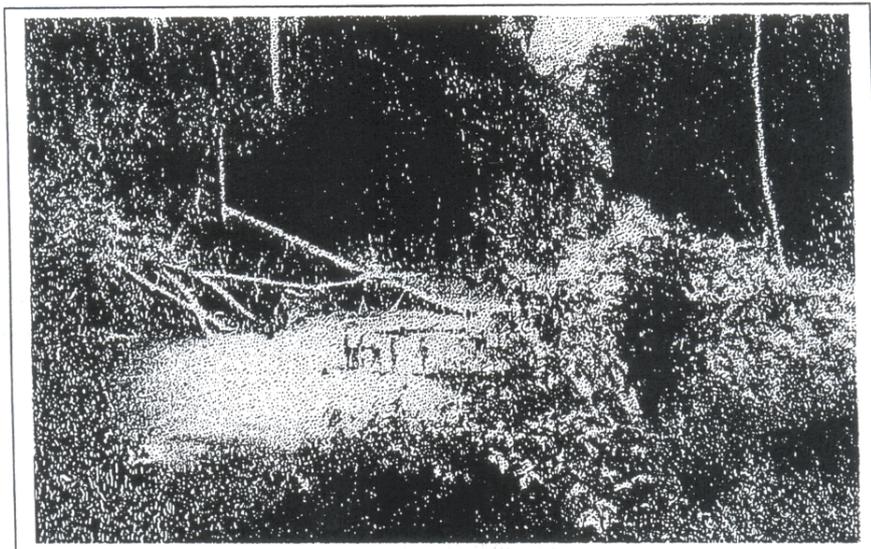


Figura 8 – Grupo de crianças nadando rio abaixo.

Outras vezes as crianças simplesmente se revezavam subindo e pulando de um toco localizado na beira do rio para dentro d'água, utilizando o toco como um trampolim (Figura 9). Esse toco era utilizado para amarrar as canoas e o barco a motor que era utilizado para o transporte entre aldeias na época das chuvas. É interessante que todas as crianças que pulavam deste toco o faziam contra a correnteza, o que facilitava o seu retorno ao ponto inicial, pois embora elas movimentassem os braços e as pernas, também eram arrastadas pela correnteza, diminuindo o esforço. Durante o período de observação, nenhuma criança foi observada pulando a favor da correnteza.

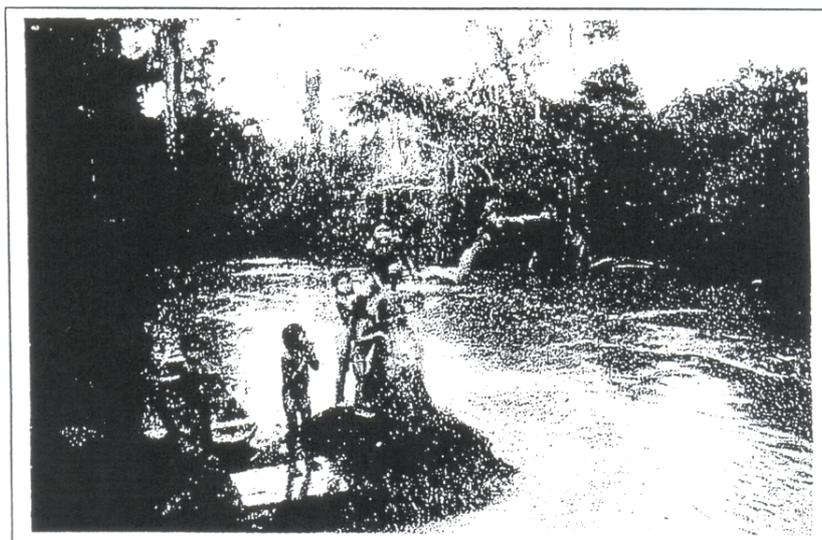


Figura 9 – Grupo de crianças utilizando um toco como trampolim.

Suruapa (4 anos, M) sobe em um toco de árvore na beira do rio e senta-se nele. Fica de pé, pula no rio, contra a correnteza e nada até o toco. Sobe no toco, ri e pula. Nada, sobe no toco, pula e sobe novamente. Pula no rio, nada, observa os outros, sobe (...). Sobe no toco, espera os outros se afastarem do ponto em que deseja pular e pula (...). Sobe no toco, pula, nada, sobe. Pula, nada e bate em Koirawa (5 anos, F).

Era comum ver algumas crianças atravessando o rio, o que parecia exigir grande destreza do nadador, mais que à exigida para atravessar uma piscina, considerando a correnteza. Apesar da dificuldade envolvida, as crianças o faziam com muita habilidade. Havia casos em que as crianças atravessavam o rio na diagonal, em função da correnteza que as arrastava. O local de mergulho parecia ser escolhido pelas crianças, mesmo pequenas de aproximadamente seis anos, considerando a força da correnteza que iria arrastá-las e o ponto da outra margem em que queriam chegar. Na maioria das vezes eram bem sucedidas nos cálculos, visto que conseguiam chegar no tronco ou nas pedras localizadas na margem oposta. Havia muitas pedras na outra margem, mas as pedras maiores ficavam concentradas em um determinado ponto, que geralmente permanecia submerso em função do nível das águas.

As populações ribeirinhas da região amazônica estão acostumadas a nadar em rios com correnteza forte e sabem desde cedo que não se deve tentar atravessar um rio nadando em linha reta, como numa piscina. Uma professora paulista que estava trabalhando na aldeia, acostumada a participar de competições de natação na adolescência, tentou atravessar o rio em linha reta, mas não conseguiu porque foi arrastada pela correnteza e só conseguiu alcançar o outro lado em um ponto muito distante do local onde as crianças costumavam chegar. Funcionários do Programa advertiram-na de que em rio não se deve nadar em linha reta como numa piscina.

Ocasionalmente as crianças podiam ser vistas nadando com outras menores presas nas costas. Neste caso, a menor ficava agarrada à maior, pois esta última não podia segurá-la uma vez que estava nadando. Nesse caso, a brincadeira também foi classificada como de contingência social porque parecia haver intenção de produzir respostas contingentes na criança menor.

Morore (11 anos, F) nada no rio com outras crianças. Pega sua irmã, Iara (4 anos), coloca-a nas costas e nada. Nada e mergulha com Iara nas costas. Permanece mergulhada com Iara nas costas.

Akwawia (6 anos, F) mergulha e nada com seu irmão, Tapiawa (4 anos) nas costas. Larga Tapiawa, pega na sua mão e o puxa sorrindo. Nada com Tapiawa nas costas (...).

Nota-se que nos dois exemplos citados, sempre uma irmã mais velha estava carregando um irmão ou irmã menor nas costas. Nesse tipo de brincadeira era mais comum observar uma menina carregando um menor, que era seu parente. Quando havia várias crianças brincando da mesma maneira, podia-se ver crianças não aparentes carregadas pelas maiores.

1.3) Subir e descer de árvores

Muitas vezes as crianças brincavam simplesmente de subir e descer de árvores como goiabeiras e cuieiras, aparentemente sem objetivo específico, somente pelo prazer da atividade (Figura 10). Algumas vezes, durante a subida em árvores avistavam um fruto, apanhavam-no, comiam e continuavam a se divertir. Esse tipo de brincadeira foi observado geralmente em pequenos grupos de crianças que subiam e desciam da mesma árvore, e algumas vezes também individualmente. Geralmente, subir e descer de árvores foi mais comum entre crianças pequenas e as árvores prediletas eram aquelas localizadas nas proximidades da escola.

Koxawarawa (5 anos, F) prepara-se para subir numa mangueira de pequeno porte com Mameia (5 anos, F). Sobe na árvore e sorri para Mameia. Começa a descer da árvore sorrindo. Desce sorrindo. Mameia afasta-se e Koxawarawa pendura-se pelos braços em um galho. Tapiona (4 anos, M) aproxima-se e Koxawarawa começa a subir na árvore sorrindo. Continua subindo e sorrindo, enquanto Tapiona tenta chuta-la (...).

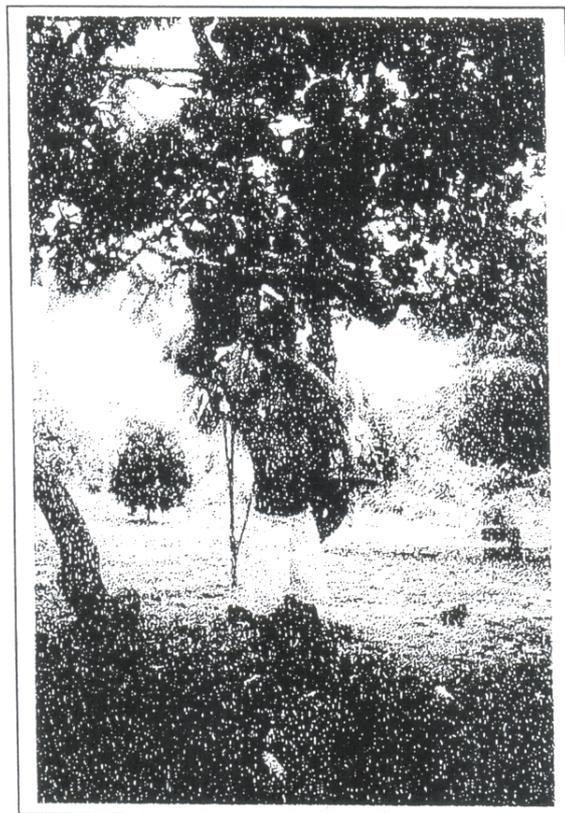


Figura 10 – Crianças subindo em um cajueiro.

Suruapa (4 anos, M) sobe numa cuieira. Senta num galho, equilibrando-se. Pula do galho e começa a subir de novo olhando para Mameia (5 anos, F) e Wewe (5 anos, F) (...). Desce da árvore. Sobe novamente, olha para Mameia e sorri. Do alto da cuieira olha para dentro da escola. Escorrega pelo galho. Sobe olhando para a escola. Desce observando os outros saírem correndo e vai atrás deles.

Algumas vezes as crianças pareciam começar a subir numa árvore pelo simples prazer de realizar tal atividade, mas em certos casos, ao subir, olhavam o interior da escola e caso houvesse aula, ficavam observando os alunos e a professora. Algumas crianças pareciam subir com o propósito exclusivo de observar a aula, quando a porta estava fechada.

(...) Wewe (5 anos, F) sobe na cuieira pelo galho. Vai até o local mais alto possível e fica em pé. Desce escorregando pelos galhos sorrindo. Pendura-se e pula. Sobe novamente até o mesmo galho alto. Desce escorregando pelos galhos.

As crianças ficavam se equilibrando em pé ou sentadas nos galhos, passavam de um galho a outro com muita facilidade e na hora de descer podiam fazê-lo da mesma forma como subiram, podiam pular ou escorregar. Quando optavam por este último modo, seguravam-se nos galhos e deixavam as nádegas escorregar ou controlavam a descida com os pés agarrados no tronco e os braços seguros nos galhos, sustentando o corpo.

Tanto as meninas quanto os meninos brincavam muito de subir em árvores, mas somente as meninas foram observadas auxiliando uma outra criança nessa atividade. Era também comum a criança observar de cima o ambiente abaixo da árvore ou em volta.

Koirawa (5 anos, F) pendura-se no galho de uma árvore. Sobe na árvore juntamente com Mameia (5 anos, F) e uma criança pequena de outra aldeia... Pega na mão da criança pequena e ajuda-a a subir (...). Solta a criança, fica em pé sobre um dos galhos, equilibrando-se (...). Pula e pendura-se em um galho. Sobe na árvore.

Além de subir em árvores, as crianças subiam na carroceria de caminhonetes e caminhões. A chegada de um automóvel na aldeia era sempre uma festa. Muito antes de se avistar o veículo, as crianças e os adultos diziam ouvir o som do motor e toda a aldeia ficava alvoroçada querendo saber quem estaria chegando e o que estaria trazendo. As crianças corriam para alguns pontos estratégicos de onde era possível avistar o primeiro sinal do veículo. Algumas cortavam caminho pela mata, ficavam aguardando a passagem do carro na estrada e quando ele se aproximava gritavam, olhando para dentro do veículo para verificar quem estava chegando. Quando a caminhonete passava, algumas pegavam carona, outras corriam para a aldeia seguindo o carro. Não só na chegada, mas também durante a permanência do veículo na aldeia, as crianças costumavam ficar em volta dele, mexendo, subindo ou descendo nele.

Quando subiam na carroceria das caminhonetes elas também pareciam divertir-se pela atividade em si e, algumas vezes, ficavam mexendo nos objetos que estavam lá em cima (Figura 11). Essa brincadeira ocorria sempre que havia um automóvel estacionado na aldeia, o que não era muito comum, pois só chegava em ocasiões em que havia necessidade, tais como, transportar alimento para os funcionários, levar os índios para compra e venda de produtos, transportar doentes, etc. Portanto, a caminhonete sempre era uma novidade, recebida com festa e um objeto a ser explorado quando presente.

Suruapa (4 anos, M) sobe na carroceria do carro. Senta-se. Arrasta o botijão de gás e sorri. Senta-se na beirada da carroceria. Levanta-se e senta-se no botijão. Levanta-se e fica de pé sobre o botijão (...). Senta-se voltado para fora do carro e observa as outras crianças (...). Tira o ferro que prende a lateral da carroceria do carro e ri.

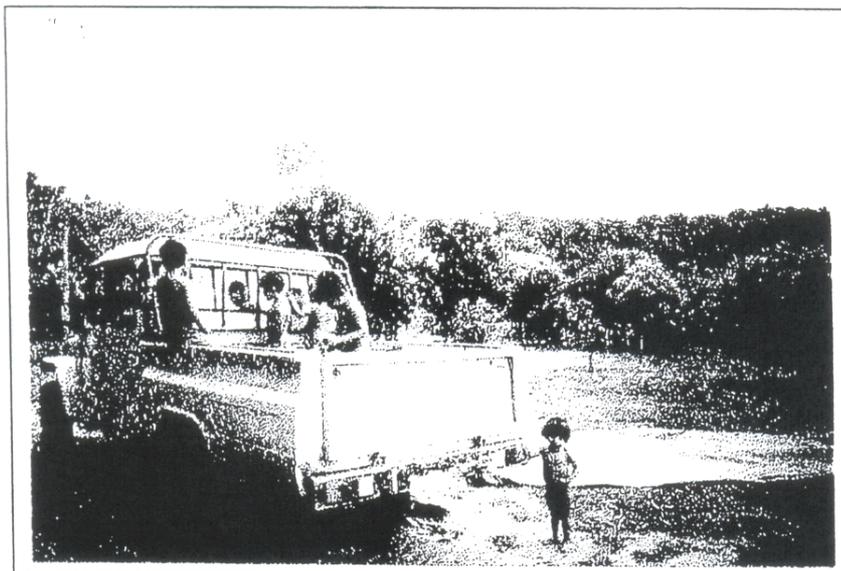


Figura 11 – Crianças brincando na carroceria da caminhonete.

Geralmente a brincadeira de subir e descer da carroceria da caminhonete era realizada em conjunto por crianças pequenas. Caso elas estivessem mexendo em objetos inadequados e/ou perigosos, os motoristas advertiam e proibiam a brincadeira. Quando a caminhonete ou o caminhão entrava em movimento para dentro da própria aldeia, para pegar produtos que estavam armazenados nas casas, todas as crianças da aldeia corriam para subir na carroceria, levando inclusive seus irmãos de colo, para ter o prazer de andar um pouquinho que seja dentro de um automóvel.

A caminhonete exercia grande poder de atração e as crianças abandonavam o que estavam fazendo para se aproximar dela, como no exemplo a seguir, onde um menino que inicialmente estava nos galhos de uma goiabeira correu para brincar no automóvel. A situação inversa também poderia ocorrer, mas com menor frequência, visto que a presença de um veículo era rara na aldeia e, portanto, ele se tornava um objeto mais atrativo do que os objetos comuns, como as árvores.

Tapiawa (4 anos, M) equilibra-se nos galhos de uma goiabeira. Emite sons (uhh, uhhh) enquanto continua se equilibrando (...). Desce da

árvore e corre com Suruapa (4 anos, M) em direção ao posto. Sobe na caminhonete. Desce da caminhonete e entra embaixo dela assobiando.

2) BRINCADEIRA DE CONTINGÊNCIA SOCIAL

Fazem parte desta categoria as brincadeiras que apresentam revezamento de papéis, que parecem ser motivadas e reforçadas pelo prazer associado à capacidade de produzir respostas contingentes nos outros e de responder contingentemente aos outros. São consideradas brincadeiras de contingência social fazer cócegas, esconde-esconde, imitar gestos e vocalizações, entre outras.

2.1) Travessia no rio em grupo

Durante a brincadeira no rio, foram observadas algumas interações lúdicas em que respostas contingentes eram provocadas nas outras crianças, como no exemplo a seguir.

Neyara (11 anos, F) nada com Iara (4 anos, F), ri e estende a mão para esta. Segura a mão de Iara, ri, solta a mão e as duas riem. Coloca Iara nas costas e atravessa o rio. Segura a mão de Koxawarawa (5 anos, F) que está nadando no rio. Solta Iara no rio, segura com as mãos Moropyga (4 anos, F) e Koxawarawa. Ri da situação, pede para Iara segurar a mão da Koxawarawa. Ri segurando a mão das duas e as puxa caminhando na parte rasa do rio. Sobe num toco do outro lado do rio, deixa as três meninas e nada de volta. Pega Moyna (3 anos, F), põe nas costas e nada. Aproxima-se do toco onde deixou as outras crianças com Moyna nas costas.

Uma informação a ser acrescentada é que as três meninas que estavam com Neyara nunca foram observadas atravessando o rio sozinhas, embora alguns meninos da mesma idade, como Suruapa e Tapiawa (ambos de 4 anos), realizassem essa atividade sem auxílio. Na aldeia, era comum a criança maior ser observada auxiliando as menores a atravessarem o rio, mergulharem ou nadarem, durante as brincadeiras. Nesses casos, a própria atividade parecia estar sendo reforçadora, porque não havia finalidade aparente em atravessar o rio para, por exemplo, realizar alguma tarefa na margem oposta. Além disso, muitas vezes o comportamento era repetido várias vezes.

2.2) Esconde-esconde

Brincadeiras de esconde-esconde eram observadas com certa frequência na enfermaria da aldeia, onde havia dois banheiros externos (um para os funcionários do programa e outro para eventuais pacientes internados), uma varanda, delimitada com uma espécie de cercado de tábuas de aproximadamente 60 cm de altura, em volta de toda construção. As crianças ficavam correndo em círculos na varanda, escondendo-se atrás do cercado ou dentro ou atrás do banheiro destinado aos pacientes. Enquanto uma criança ou mais se escondiam, outra ficava procurando. Quando esta encontrava aquelas que estavam escondidas, a brincadeira se repetia com ou sem troca de papéis.

(...) Iara (4 anos, F) corre para esconder-se de acordo com as orientações de Maio'ao (11 anos, F). Continua correndo em volta da enfermaria. Esconde-se atrás da enfermaria. Dá um sorriso quando seu irmão Xoetyma'ia (6 anos) a encontra. Corre, esconde-se agachando, levanta-se. Corre em volta da enfermaria. Corre atrás de Maio'oa e agacha-se ao lado dela. Sorri quando Xoetyma'ia a encontra. Corre, agacha-se, sorri e pula.

Era comum crianças de diferentes idades participarem dessa brincadeira. Geralmente as maiores ajudavam as menores a se esconderem e se divertiam com o comportamento delas. Nem sempre aquelas que se escondiam ficavam quietas em um mesmo local. Ficavam rindo ou mudavam de esconderijo. A criança que ia procurar não realizava nenhuma contagem, apenas aguardava que as demais crianças avisassem que ela já podia procura-las. Segundo Peller (1971) a brincadeira de esconde-esconde de crianças pequenas e de crianças maiores segue uma fórmula diferente. Enquanto para as maiores o importante é ser mais esperta do que as colegas, para as menores essa brincadeira envolve um reassseguramento, ou seja, ela mesma pode produzir a separação e o reencontro. É por essa razão que, muitas vezes, as crianças menores escondem-se, mas antes de serem encontradas aparecem diante dos colegas.

Amaryra (9 anos, F) esconde-se de sua irmã Ywate'oa (12 anos). Ri quando Ywate'oa a encontra. Corre em volta da enfermaria. Deita-se no chão da enfermaria. Corre ao comando de seu irmão Toira (13 anos). Ri quando Ywete'oa a encontra. Esconde-se no banheiro. Sorri

quando Ywate'oa a encontra novamente. Corre em volta da enfermaria. Senta-se e deita-se no chão junto a Toira.

Foram poucas as observações de brincadeiras de esconde-esconde que ocorreram fora da enfermaria. Uma delas ocorreu na casa de farinha, onde duas crianças da mesma idade estavam brincando de se esconder conforme registro abaixo.

Koxawarawa (5 anos, F) esconde-se atrás de um forno de farinha. Vez ou outra olha em volta. Sai de trás do forno e procura Mameia (5 anos, F). Encontra Mameia debaixo de alguns galhos. Corre para trás do forno até que Mameia se esconda novamente. Procura Mameia na escola. Assim que a avista, volta para a casa de farinha e corre para trás do forno. Procura Mameia na escola. Entra na sala de aula. Sai da sala e procura Mameia em volta da escola.

3) BRINCADEIRAS DE CONSTRUÇÃO

Nesta categoria incluem-se as brincadeiras em que materiais são combinados ou modificados para criar um novo produto. A modelagem de argila, areia, atividades de empilhar, encaixar ou construir fazem parte desta brincadeira.

3.1) Atividades com argila

As crianças confeccionavam objetos, em sua maioria bonecos, pratos jabutis ou simples bolinhas, com argila na margem dos rios. Moldavam a argila batendo a mesma contra a palma das mãos ou nos troncos das árvores (Figura 12). Pegavam pequenos montes de argila na beira do rio, que moldavam com as mãos, molhando vez por outra na água, cuspidando ou até mesmo lambendo. Às vezes faziam essa atividade em pé dentro do rio, conversando com outras crianças, outras vezes ficavam fora da água.

Tapiona (4 anos, M) pega um punhado de argila de Mameia (sua irmã de 5 anos) e amassa com as mãos. Bate o material contra as mãos. Bate contra o tronco de uma árvore. Bate contra as mãos novamente (...) A argila cai, ele pega-a e junto pega seu short que estava no chão. Passa a tirar fiapos da argila. Continua a tirar os fiapos da argila. Bate a argila nas mãos e tira os fiapos. Derruba um pedaço da argila no chão e pega novamente. Amassa tudo de novo com as mãos.



Figura 12 – Crianças em volta de um tronco brincando de argila.

Mameia (5 anos, F) coloca quatro bolinhas de argila sobre um grande tronco caído na beira do rio. Junta todas as bolinhas em um só monte e amassa tudo. Bate o bolo de argila no tronco com a mão espalmada e ouve Wewe (5 anos, F) falar. Bate o bolo de argila no tronco. Continua batendo o bolo de argila com as mãos e Wewe faz o mesmo. Observa Wewe fazendo um buraco com o dedo no centro do bolo de argila e faz o mesmo. Continua fazendo um buraco com o dedo. Assim que Wewe para, Mameia também para de furar a argila. Amassa tudo no tronco como Wewe faz. Wewe vai embora e Mameia vai também.

Em algumas observações foi possível verificar a regulação do comportamento de uma criança pelo(a) seu(sua) companheiro(a) de atividade, como no exemplo acima. Certo dia, Neyara (11 anos, F) deu-me de presente um casal de bonecos de argila. O órgão sexual de cada boneco estava corretamente moldado e foi trazido com muita naturalidade, sem nenhum constrangimento. Tive também a oportunidade de participar, a convite das crianças, de uma brincadeira de argila. Nessa ocasião, duas meninas (Neyara, 11 anos e Amaryra, 9 anos) vieram me chamar na enfermaria para brincar de argila. Acompanhei as meninas até um riacho atrás da aldeia, dentro da mata, onde alguns tomavam banho e praticamente nenhum *toría*¹ ia sem a permissão ou a companhia dos índios. Enquanto atravessávamos a aldeia, outras crianças juntaram-se a nós, perguntando onde estávamos indo e passaram a nos

¹ Os não-índios são denominados de *toría* e os índios, *awaete* (*awa*=gente e *ete*=verdadeiro).

acompanhar. Chegando no rio, as meninas entraram na água gelada, retiraram um pouco de argila da margem, começaram a amassá-la com as mãos, ainda com os pés dentro d'água. De vez em quando molhavam a argila com um pouco de água ou com a sua própria saliva, lambendo a bola de argila. Eu também ganhei o meu bocado de argila para moldar e comecei a imitá-las molhando na água do rio. Aos poucos outras crianças começaram a aparecer e foram se juntando a nós. As crianças faziam bonecos, pratos, panelas, entre outros objetos. Quando fiz uma xícara, todas as crianças quiseram ter uma igual, e tive que fazer uma xícara para cada criança. As maiores pediam para que fizesse para seus irmãos menores ali presentes. Elas mesmas retiravam a argila da beira do rio e alisavam-na, amassando bem e retirando sujeiras, para facilitar o meu trabalho. Cada uma queria uma xícara maior do que a anterior e sempre que alguma xícara era quebrada por uma criança pequena, eu tinha que consertar. Enquanto todos estávamos envolvidos com essa atividade, Xoetyma'ia (6 anos, M) defecou a menos de um metro do local onde estávamos. Logo que perceberam, as demais crianças riram e algumas brigaram com ele, mas depois continuaram as atividades como se nada tivesse acontecido, afastando-se mais um pouco do lugar em que estavam.

No dia seguinte, muitas crianças fizeram objetos de argila para me dar de presente. Ganhei aproximadamente 20 objetos, mas alguns deles se quebraram pelo simples toque da mão. Somente 11 objetos puderam ser conservados e transportados (Figura 13), dentre eles havia seis figuras humanas, três vasilhames, um avião e uma bolinha. O interessante é que todas as figuras humanas foram confeccionadas pelas meninas e os demais objetos, pelos meninos. É importante salientar que embora os Parakanã utilizem alguns recipientes de argila, os objetos confeccionados pelas crianças não são utilizados, por ser de tamanho reduzido e menos elaborados, o que os tornam mais frágeis.

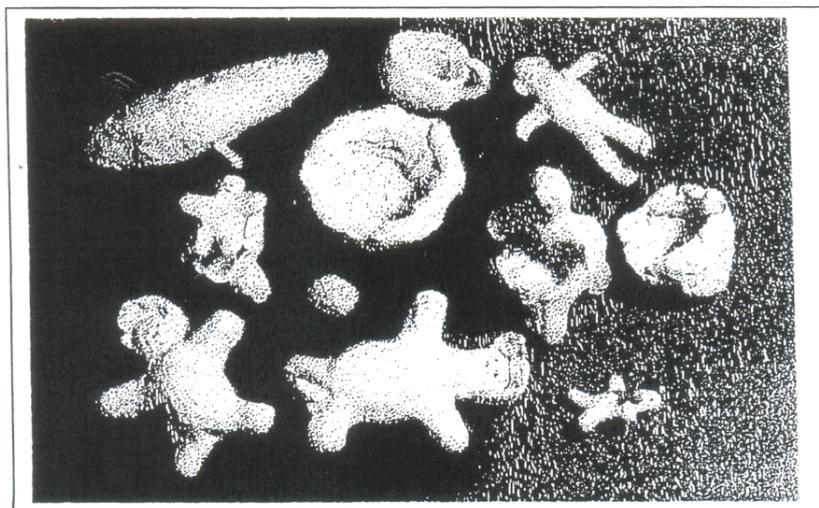


Figura 13 – Objetos confeccionados pelas crianças (Foto de João Carlos Otta).

Entre os bonecos, havia três bebês. Um sobre uma espécie de berço, outro sentado em um carrinho (segundo a autora) com uma mamadeira na boca e o terceiro, somente com uma mamadeira. As duas mamadeiras eram, na verdade, pequenas flores arredondadas que foram colocadas na boca dos bonecos. A mamadeira é utilizada por todos os bebês de baixo peso que necessitam de complementação alimentar.

3.2) Construção em areia

Entre a escola e a enfermaria havia um monte de areia que havia sido transportado para lá por ocasião da montagem do sistema de placas solares, que forneceria energia para a escola e a enfermaria. Algumas vezes, as crianças brincavam nesse monte de areia, sentadas ou deitadas no chão, moldando objetos, mas passavam pouco tempo nessa atividade (menos de cinco minutos). Geralmente intercalavam brincadeiras na areia com observações do ambiente ou outras atividades (Figura 14).

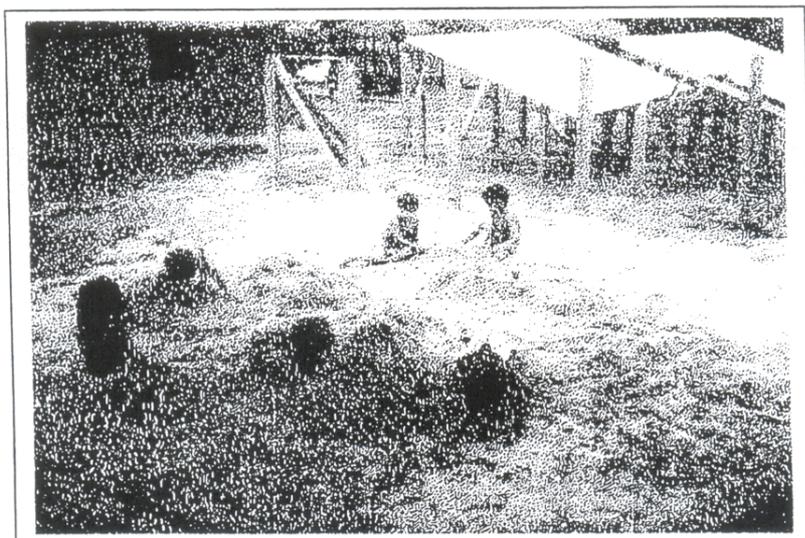


Figura 14 – Crianças brincando de construção em areia.

Morore (11 anos, F) faz um monte de areia e cava um túnel (...).

Wewe (5 anos, F) faz um monte de areia (...). Divide o seu monte de areia em dois. Faz um cercadinho de areia (...).

Foram poucas as observações de construção na areia porque a maioria ocorria nas proximidades da enfermaria e alguns funcionários da área de saúde não eram favoráveis à permanência das crianças neste local. Além disso, a areia foi aos poucos sendo dispersa não

só pelas próprias crianças, mas também pela água das chuvas e logo o monte de areia foi diminuindo até acabar.

3.2) Tecer palha

A brincadeira de tecer palha poderia também ser considerada de caráter simbólico, no entanto, preferimos incluir na categoria construção porque o objetivo principal parecia ser a produção de um novo objeto. Essa atividade foi observada exclusivamente entre as meninas. Elas iam para a mata em pequenos grupos com um facão, tiravam algumas folhas verdes de palmeira, transportavam para um determinado local, geralmente uma clareira ou casa abandonada, e teciam os cestos (*peyras*) ou apenas trançavam as folhas. As *peyras*, bem como os outros materiais tecidos, só eram utilizados em contextos lúdicos. Durante a confecção havia muita verbalização.

Akwawia (6 anos, F) sentada ao lado de Irane (6 anos, F) tece uma *peyra* ao mesmo tempo em que discute com Suruapa (irmão de Irane, 4 anos) e Tapiawa (irmão de Akwawia, 4 anos). Pára ao chamado de Koirawa (5 anos, F) e Wewe (5 anos, F), pega o facão trazido por Koirawa e vai para o mato. Usa o facão para cavar o chão. Corta outras folhas de palmeira.

Irane (6 anos, F) tece a folha da palmeira enquanto canta. Continua tecendo, cantando e sorri vendo o seu trabalho. Tece (...). Pega uma folha tecida e senta-se novamente. Levanta-se e caminha para o mato, sendo seguida pelas demais crianças. Pega algumas folhas de palmeira. Volta para a casa abandonada, senta-se e começa a tecer novamente.

Essa brincadeira foi mais comumente observada entre as crianças pequenas, talvez porque meninas de oito anos ou mais já tecessem suas cestas e outros utensílios para uso real e, portanto, não brincassem mais de tecer esses objetos.

3.3) Pintura corporal

A pintura corporal foi considerada lúdica por ter a finalidade de criar algo novo combinando materiais, no caso as tintas naturais, e de ocorrer fora dos contextos rituais em

que os adultos exibiam este comportamento. Algumas meninas foram observadas pintando o seu próprio corpo ou de suas colegas com tinta extraída de urucum. Este pequeno fruto, de coloração avermelhada e casca mole, o que facilitava o acesso às sementes, era encontrado em arbustos nas proximidades da aldeia. As sementes do fruto, quando amassadas ou misturadas com um pequeno graveto, soltavam uma tinta vermelha utilizada pelos índios para pintura corporal. Na região norte do Brasil, o sumo dessa semente é comumente vendido em feiras e utilizado pelas donas de casa como corante natural no preparo de carnes.

Considerou-se brincadeira de pintura corporal todo o processo, desde a coleta do fruto no arbusto, até a extração da tinta e a pintura do corpo propriamente dita. A brincadeira de pintura corporal foi observada uma vez em um grupo de cinco meninas que estavam atrás de uma das casas. Cada uma possuía um fruto ou um cacho de frutos de urucum que eram abertos com a mão e suas sementes eram misturadas com um graveto fino e achatado de aproximadamente 10cm (semelhante ao utilizado pelas mulheres na pintura corporal) de comprimento. Algumas meninas misturavam o urucum dentro do próprio fruto, outras colocavam as sementes dentro de algum objeto para misturá-lo. Quando parte do graveto adquiria a cor avermelhada, passavam o graveto no corpo (membros superiores, inferiores, nas costas e no rosto) desenhando figuras, como peixes, jabutis, riscando retas simples ou em zigue-zague dando voltas nos membros. Estes dois últimos tipos de traçados eram comumente utilizados pelos adultos nas pinturas corporais. Em alguns casos as crianças simplesmente pegavam as sementes nas mãos, esfregando-as vigorosamente e posteriormente passavam as mãos espalmadas no rosto.

Moropyga (4 anos, F) descasca urucum na companhia de Mameia (5 anos, F) ao mesmo tempo que observa Iara (4 anos, F) e Wewe (5 anos, F) voltando com mais urucum. Pega um urucum das mãos de Iara e descasca, põe as sementes em um caco de vidro. Descasca outro urucum e observa Wewe pintando a perna com a tinta. Levanta-se, vai até o pé de urucum e pega mais frutos, sendo seguida por Iara. Volta para o local onde estava anteriormente com um cacho de urucum nas mãos e sorri. Descasca o fruto, enquanto observa Moyna (3 anos, F) e Wewe pintando o corpo. Descasca o fruto, sorri e põe as sementes no caco de vidro. Repete a seqüência anterior de comportamentos. Sorri a cada ruído de fruto ao ser aberto. Junta todos os frutos fechados e descasca.

Iara (4 anos, F) observa Mameia (5 anos, F) com um caco de vidro cheio de sementes de urucum no colo. Descasca o fruto, esfrega as sementes nas mãos e passa no rosto. Levanta-se, senta-se de frente para Moropyga (4 anos, F) que voltou trazendo mais urucum. Descasca mais frutos e esfrega nas mãos. Levanta-se e corre para o pé de urucum. Vai para baixo do arbusto, procura mais urucum, olha para a observadora e sorri. Dá uma volta no arbusto e Wewe (5 anos, F) aproxima-se. Wewe tira um cacho de urucum para ela e outro para Iara. As duas voltam correndo para o ponto inicial, quando Y'yma (visitante de outra aldeia, 5 anos, F) pede para pintar o corpo de Iara e esta se senta de costas para Y'yma. Iara fica quieta, deixando Y'yma pintar suas costas e, posteriormente, seu rosto.

Entre os Parakanã, eram as mulheres que pintavam o corpo dos homens, das crianças e de outras mulheres nas festas (Figura 15). É interessante saber que a brincadeira de pintura corporal só foi observada em meninas.



Figura 15 – Menino de dois anos pintado pela avó.

4) BRINCADEIRA TURBULENTA

Incluem-se aqui as brincadeiras agonísticas que envolvem comportamentos de luta, perseguição e fuga, sendo que o riso é uma das principais características que distinguem a brincadeira de uma luta real. Além disso, brincadeiras que envolviam enfrentamento e desafio dos próprios limites, inclusive com risco de dano físico, foram consideradas como brincadeira turbulenta.

Houve uma baixa frequência de brincadeira turbulenta entre as crianças Parakanã. Dois bons exemplos registrados são apresentados a seguir, onde duas meninas brincam de brigar. Nestes dois casos o que se observa é que as crianças envolvidas na brincadeira turbulenta tinham praticamente a mesma idade, eram duplas que costumavam ser vistas juntas com muita frequência e possuíam laços de parentesco. Nos dois casos, as duplas apresentavam estrutura física semelhante, mas com diferença de estatura entre Koxae'wyrá e sua tia, Mytara'ia, e de idade entre Irane e Koirawa.

Mytara'ia (8 anos, F) bate nas costas de Koxae'wyrá (8 anos, F). Ri e bate novamente nas costas de Koxae'wyrá. Continua rindo e batendo em Koxae'wyrá com as mãos cerradas. Dá uma gargalhada e pula. Pergunta à enfermeira se pode tomar o resto do mingau. Enquanto isso Koxae'wyrá dá um murro nela. Mytara'ia fica séria e persegue Koxae'wyrá correndo até a aldeia. Alcança Koxae'wyrá e dá um murro nesta que ri. Mytara'ia leva outro um murro de Koxae'wyrá.

Koirawa (5 anos, F), rindo, bate nas costas de Irane (6 anos, F) com a mão fechada e apanha dela também. Ela agarra-se a Irane e as duas rolam no chão durante um minuto. Levantam-se e Koirawa bate em Irane rindo, mas esta devolve com mais força (ouve-se o som do murro de Irane em Koirawa) e Koirawa muda sua expressão facial. Fica séria, bate em Irane com mais força e apanha desta em intensidade semelhante. Sai correndo, sendo perseguida por Irane. As duas entram na casa do avô de Koirawa e logo em seguida ouve-se o choro desta.

Esta última dupla era considerada “inseparável” pelos funcionários do PROPKN da aldeia, pois as crianças sempre estavam brincando juntas. As semelhanças encontradas entre

as duplas corroboram a observação de Smith (1982) de que a brincadeira turbulenta ocorre em pares de idades próximas e, de preferência, entre parentes, tanto em crianças quanto em filhotes de diversas espécies de mamíferos, como chimpanzés e babuínos.

5) BRINCADEIRA SIMBÓLICA

São brincadeiras simbólicas aquelas em que a criança trata objetos como se fossem outros ou lhes atribui propriedades diferentes dos que possuem, atribui a si e aos outros papéis diferentes dos habituais e/ou cria cenas imaginárias e as representa.

Alguns meninos foram observados empurrando um carrinho de mão como se estivessem dirigindo um carro. Muitas vezes levavam outras crianças sentadas no carrinho ou andavam com ele vazio.

Pepa (4 anos, M) empurra um carrinho de mão, tentando subir o barranco com ele e faz “brr” (...). Empurra novamente o carrinho barranco acima.

Havia também casos em que um menino arrastava uma lata por um fio de *nylon* como se ela fosse um carro, ao mesmo tempo que vocalizava “brr”.

Xoetyma'ia (6 anos, M) faz “brr” com a boca enquanto arrasta uma lata de óleo através de um fio de *nylon*. Faz “brr” e pendura a lata. Põe a lata no chão e puxa, (...). Faz “brr”, arrasta a lata e dá uma volta na calçada da escola. Vai para a enfermaria e depois corre em direção a aldeia arrastando a lata. Corre atrás de Suruapa (4 anos, M) fazendo “brr” (...).

Havia também momentos em que as crianças utilizavam uma tábua ou um tronco de árvore flutuante como uma prancha. Deitavam-se sobre o objeto e batiam os pés e as mãos (Figura 16). Nesses casos o mesmo objeto podia ser utilizado por várias crianças em sistema de revezamento. Nesse caso e no exemplo seguinte, onde houve o uso de um tronco como prancha, a brincadeira foi classificada também como brincadeira simbólica, pois uma nova função havia sido atribuída ao objeto utilizado.

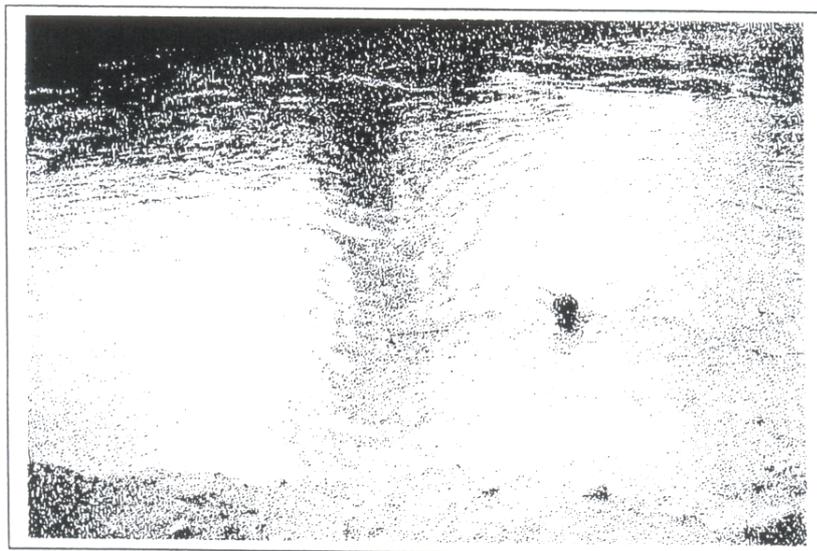


Figura 16 – Criança utilizando uma tábua como uma prancha.

Arara'ywa (8 anos, M) empurra uma tábua (1,5m x 50cm aproximadamente) na água, deita-se de bruços sobre ela e bate os braços – um minuto. Atravessa o rio com a tábua. Continua atravessando o rio e solta a tábua. Sorri e mergulha. Coloca somente o rosto na água (...). Debruça-se sobre a tábua e bate os pés. Ainda sobre a tábua, faz “brrr” com a boca imitando o motor do barco. Nada até a beira do rio com a tábua.

A tábua utilizada por Arara'ywa é uma tábua que permanece na beira do rio e as mulheres usam para lavar suas roupas. Elas esfregam e batem as peças nessa tábua.

Irane (6 anos, F) entra na água, pega um tronco (1,5m de comprimento e 20 cm de diâmetro, aproximadamente) que Apy'ia (8 anos, M) jogou. Monta no tronco, bate os membros na água e chama Akwawia (6 anos, F). Ri e nada usando o tronco como prancha. Continua rindo e nadando com o tronco. Leva o tronco para a beira do rio, joga água nele, limpando-o. Carrega o tronco sozinha barranco acima. Dá o tronco para seu irmão Suruapa (4 anos), que não agüenta o peso e o coloca no chão. Irane joga o tronco barranco abaixo. Observa Suruapa empurrando o tronco para a água. Orienta Suruapa sobre como ele deve usar o tronco para nadar.

Suruapa (4 anos, M) Fica de bruços sobre o tronco e bate os membros. Cai na água, pega e usa o tronco novamente e o solta. Sobe novamente nele. Nada usando o tronco como prancha. Leva-o para a margem. Carrega-o nos braços. Ri, derruba o tronco no chão, tenta ergue-lo novamente. Pede ajuda para Tapiawa (4 anos, M). Tapiawa diz “vamos” e os dois sobem o barranco, puxam o tronco, descem e empurram-no barranco acima.

Algumas vezes as crianças pegavam um objeto, como o tronco de árvore citado, e a partir da sua exploração pareciam descobrir uma maneira de brincar utilizando-o com uma nova função. No caso do exemplo acima, o tronco de árvore passou a ser um “prancha”. Não havia nenhum registro de tronco usado como “prancha” até o dia em que alguns adultos haviam deixado um tronco na beira do rio e as crianças começaram a explorá-lo e descobriram essa forma de utilização. A partir dessa nova possibilidade de uso do objeto, outras crianças poderiam imitar o uso e também conseguir outros objetos semelhantes ao original para ser utilizado da mesma maneira. Em uma das primeiras vezes em que as crianças estavam utilizando um tronco como prancha, observei Waripa (10 anos, M) e seu irmão Kyriry'ia (8 anos) descerem o rio numa canoa. Logo em seguida eles voltaram sorrindo, com o tronco de uma bananeira. Embora o tronco utilizado inicialmente não fosse de uma bananeira, o tronco desta flutuava tanto quanto o inicial, permitindo que as crianças utilizassem o objeto da mesma maneira.

No exemplo seguinte, Tapiawa, que havia capturado um gafanhoto, o jogou para cima repetidamente e correu para pegá-lo como se fosse uma bola. Era comum observar crianças correndo atrás de aves ao entardecer, além de lagartixas, ratos e gafanhotos. Nessas ocasiões jogavam pedras, vasculhavam possíveis esconderijos até encontrar o que queriam ou ter a certeza de que o inseto ou o animal fugiu. Entretanto, a classificação desse tipo de comportamento variava de acordo com o contexto. Quando o inseto ou animal era usado para substituir um outro objeto, como no caso citado (gafanhoto usado como bola) a atividade era classificada como brincadeira simbólica.

Tapiawa (4 anos, M) pega um gafanhoto e o joga para cima. Grita “kwa, kwa”. Pega o gafanhoto, joga para o alto, ri e grita “kwa, kwa”. Sai correndo atrás do gafanhoto juntamente com Pepa (4 anos, M), Suruapa (4 anos, M) e Xoetyma'ia (6 anos, M). Grita, corre e não

deixa os outros pegarem o gafanhoto. Pega o gafanhoto, joga para cima, grita “uuuu” e ri. Pega e joga para o alto novamente (...). Grita, ri e corre. Joga para o alto, grita e ri. Corre, pega e joga novamente.

Algumas vezes, os meninos foram observados manuseando a rede de pesca fora do rio. Eles chegavam a fazer de conta que um objeto qualquer era o peixe ou jogavam a rede sobre um dos colegas que assumia o papel de peixe. Esse tipo de brincadeira foi observado somente entre os meninos.

(...) Araxoma (9 anos, M) sai da canoa com a rede na mão e a joga no chão como se estivesse tentando pegar peixe. Puxa a rede para si, como se estivesse recolhendo os peixes.

Uma outra modalidade da brincadeira simbólica, observada somente entre as meninas, foi “fazer de conta que se faz farinha”. Isso incluía desde socar a mandioca até o uso do forno, torrando o resto de farinha deixado pelas mulheres.

Mytara'ia (8 anos, F) soca um pilão vazio como se estivesse socando a mandioca para fazer farinha (...). Peneira um resto de massa de mandioca deixado pelas mulheres (...). Volta a usar o pilão para socar algo. Peneira novamente e canta.

Embora a criança tenha peneirado de fato um pouco de massa de mandioca, a quantidade era tão pequena que dificilmente seria possível fazer a farinha somente com ela. Além disso, como era o resto deixado pelas mulheres, a qualidade da massa também era inferior àquela comumente utilizada.

Outro exemplo observado entre as meninas foi brincar de lavar roupa, como os dois exemplos abaixo que fazem parte de uma seqüência, quando Irane e Akwawia estavam brincando juntas utilizando um limão como sabão e longe de qualquer fonte de água. Essas meninas podem ser vistas lavando roupa de fato no rio, mas neste caso era apenas uma brincadeira.

Irane (6 anos, F) conversa com as demais crianças, sentada sobre um papelão esticado no chão e esfrega um limão pequeno em uma blusa,

como se estivesse lavando-a. Continua falando e esfrega o limão no cabelo (...). Pega o short do Tapiawa e esfrega o limão nele.

É interessante que Irane esfregou o limão também no cabelo, pois como ele está substituindo o sabão, que entre os índios Parakanã é usado para lavar tanto a roupa como o corpo, é natural que o limão também receba a mesma função.

Akwawia (6 anos, F), sentada sobre um papelão, torce sua roupa e a coloca sobre uma folha previamente colocada no chão. Pega a folha, juntamente com sua roupa e põe na cabeça. Caminha equilibrando tudo (...). Senta-se, coloca tudo no chão e bate a roupa. Observa Irane fazendo o mesmo. Organiza todas as roupas em uma pilha e as coloca na cabeça. Caminha equilibrando todos os objetos.

6) JOGOS DE REGRAS

Fazem parte desta categoria as brincadeiras que envolvem ritualização de papéis e a representação de cenas previsíveis e pré-determinadas. As seqüências imprevisíveis da brincadeira são transformadas em ciclos repetitivos de ação, com início, meio e fim. A maioria dos jogos pode ser classificada da seguinte forma: jogos de campo (ex. futebol, vôlei, basquete), jogos de chão e de mesa (ex. bilhar, sinuca, bolas de gude), jogos icônicos (ex. jogos de carta e tabuleiro) e jogos de palavras (ex. forca). Entre as crianças indígenas Parakanã só foi encontrado o jogo de campo, que se resumia a futebol e vôlei.

6.1) Futebol

Este esporte aprendido através da influência de membros externos à comunidade indígena era praticado quase todas as tardes pelos homens da aldeia no centro desta. Na partida, não havia juiz e os próprios jogadores determinavam se houve falta. Parecia que não havia muito conhecimento sobre detalhes das regras específicas de um jogo de futebol oficial, pois durante um torneio, patrocinado pelo PROPKN, realizado entre as três aldeias dos Parakanã orientais, os funcionários do Programa que participaram como juizes das partidas comentaram que como os índios não estavam acostumados com todas as regras do jogo, eles se “atrapalhavam” muito.

Como as partidas diárias eram realizadas no centro da aldeia, as crianças de Paranowaona observavam os adultos jogarem e algumas delas também praticavam esse

esporte esporadicamente. Nas partidas infantis o número de jogadores era bastante variável e dificilmente havia 11 jogadores em cada time. Observou-se tanto grupos de meninas como grupos de meninos jogando futebol, embora as mulheres nunca tenham sido observadas praticando esse esporte. Em algumas partidas dos grupos femininos, houve participação de dois meninos (um em cada gol), mas o oposto nunca foi observado. Não havia também disputas entre sexos neste esporte. Quando um adulto perguntou para o Kyryry'ia (8 anos, M), que estava no gol, se as meninas jogavam bem, ele respondeu *katoim*, que significa “mal” ou “que não é bom” em Parakanã.

A partida das crianças podia ocorrer a qualquer hora, mas na maioria das vezes, elas brincavam antes do horário da partida usual dos adultos, que se iniciava no final da tarde, entre 16:00 e 17:00h. Quando os adultos começavam a se reunir e se aproximavam do campo, as crianças paravam de jogar e se dispersavam. Observou-se apenas uma ocasião em que os homens não jogaram futebol e passaram o final de tarde observando uma partida dos meninos. Alguns gritavam dando orientações sobre como proceder e riam diante de cenas engraçadas.

Maio'oa (11 anos, F) chuta a bola; corre rindo. Tenta chutar novamente, mas erra e ri. A bola sai de campo e ela corre atrás. Volta para o campo, joga a bola e disputa a posse desta com Awapitonga (vinda de outra aldeia, 10 anos, F). Ri disputando a bola com Amaryra (9 anos, F). Acompanha o grupo permanecendo mais afastada. Disputa a bola com Awapitonga, chuta a gol e ri. Corre para o centro e instrui Koirawa (6 anos, F). Corre atrás da bola, ri e depois lamenta que a bola não tenha entrado no gol. Ri correndo atrás da bola e gritando o nome das colegas.

O exemplo acima foi de um jogo feminino de futebol, onde somente meninas estavam jogando. O exemplo a seguir, registrado em outro momento, mostra uma espécie de treino de pênaltis de meninas, onde os meninos estavam no gol.

Kyryry'ia (8 anos, M) está no gol, encostado na trave. Deixa Ma'apyga (10 anos, M) ficar no gol. Fica no gol novamente e pega a bola. Encosta-se na trave e observa a vez de Ma'apyga. Vai para o gol e não pega a bola. Senta-se no gol e observa as meninas discutirem.

Caminha para o centro da aldeia e deita-se. Rola no chão, agacha-se e pula. Senta-se e observa a discussão das meninas. Corre para o outro gol, pois começa o jogo dos meninos. Agarra uma bola.

6.2) Vôlei

Assim como o futebol, o vôlei também foi introduzido a partir do contato dos índios com os membros da comunidade local e funcionários do PROPKN. Algumas vezes, quando não praticavam futebol por alguma razão, os adultos ficavam jogando vôlei no centro da aldeia. As crianças observavam os adultos e os imitavam quando não eles não estavam jogando. Havia uma rede de vôlei armada em uma das extremidades do campo de futebol, onde os jogos eram realizados.

Po'a (10 anos, M) joga vôlei com Toira (13 anos, M) no centro da aldeia. Pega a bola e rebate. Vai pegar a bola, saca, mas erra. Espera a bola, dá três toques e joga para Toira. Vai pegar a bola e cai no chão. Saca, erra e espera a bola. Corre atrás da bola e a chuta. Recebe a bola, dá três toques e joga para Toira (...).

O vôlei foi menos freqüente que o futebol e, quando observado, era praticado preferencialmente pelos meninos maiores. A freqüência menor pode ser um reflexo da própria prática dos adultos da comunidade que visivelmente jogavam mais o futebol do que o vôlei.

FREQÜÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE BRINCADEIRA

Através de uma análise multivariada verificou-se a influência de sexo, classe de idade e suas possíveis interações sobre os tipos de brincadeira anteriormente descritos. Com relação aos tipos de brincadeira, a MANOVA indicou um efeito significativo somente de idade (Lambda de Wilks=0,401; $F_{7,19}=4,049$; $p<0,01$), não tendo havido efeito de sexo (Lambda de Wilks=0,729; $F_{7,19}=1,011$; $p=0,454$). A interação entre sexo e idade apresentou um efeito marginalmente significativo (Lambda de Wilks=0,539; $F_{7,19}=2,324$; $p=0,06$).

Análises univariadas subsequentes indicaram um efeito significativo da variável idade sobre brincadeira simbólica ($F_{1,25}=6,130$; $p<0,05$), jogos de regras ($F_{1,25}=13,849$; $p<0,001$) e brincadeira de construção ($F_{1,25}=4,415$; $p<0,05$). Como pode ser observado na Figura 17, a

brincadeira simbólica foi mais freqüente entre as crianças menores ($17,47 \pm 3,46$) do que entre as maiores ($7,29 \pm 2,36$). O mesmo ocorreu com a brincadeira de construção ($16,78 \pm 4,40$ vs. $5,97 \pm 2,46$), tendo sido observado o inverso em relação aos jogos de regras, que foram mais freqüentemente praticados pelas crianças maiores ($23,34 \pm 4,78$) do que pelas menores ($3,26 \pm 1,78$).

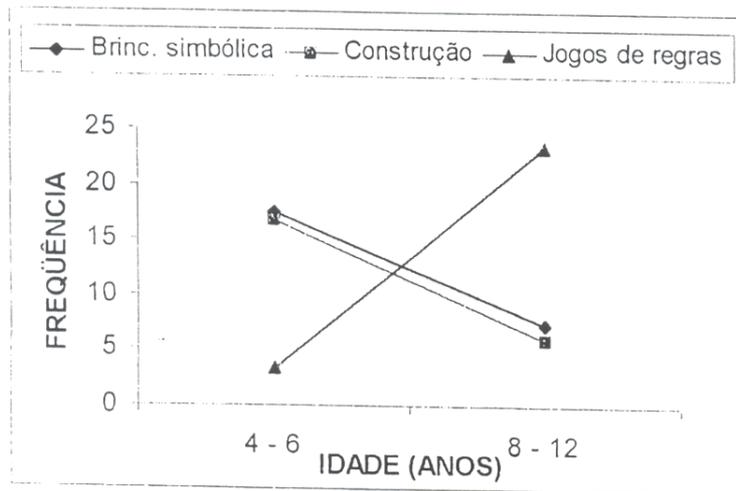


Figura 17 – Média dos tipos de brincadeira para os quais foram identificadas diferenças significativas em função da classe de idade.

Embora a análise multivariada não tenha revelado efeito significativo de sexo, análises univariadas subseqüentes indicaram influência significativa de sexo na brincadeira de contingência social ($F_{1,25}=5,77$; $p < 0,05$), observando-se esta brincadeira mais freqüentemente entre as meninas ($15,25 \pm 2,37$) do que entre os meninos ($6,76 \pm 2,63$). A tendência de interação encontrada entre sexo e idade foi melhor investigada e análises univariadas indicaram um efeito significativo apenas na brincadeira de construção ($F_{1,25}=8,524$; $p < 0,01$). Conforme se verifica na Figura 18, as meninas menores ($23,03 \pm 6,56$) foram mais freqüentemente observadas brincando de construção do que as maiores ($0,61 \pm 0,40$; $t_{(14)}=3,411$; $p < 0,01$), entretanto, entre os meninos ocorreu o inverso, ou seja, os maiores ($12,09 \pm 4,28$) brincam mais do que os menores ($8,44 \pm 3,54$; $t_{(11)}=0,644$; $p < 0,533$).

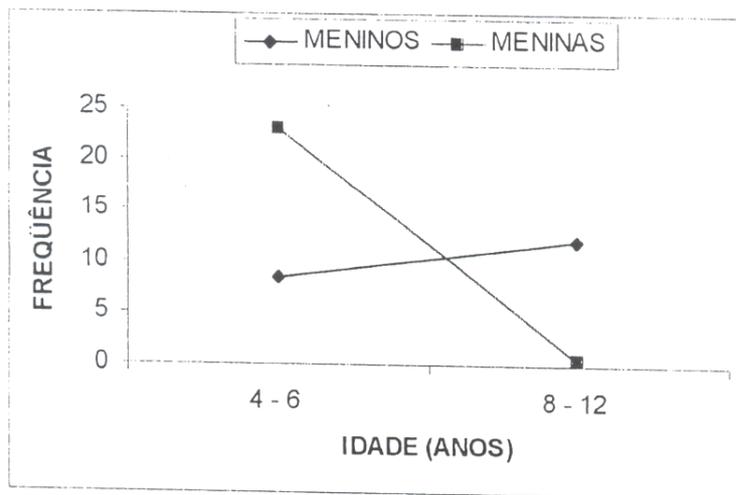


Figura 18 – Médias de brincadeira de construção em função de sexo e idade.

CONCLUSÃO

Os estudos etológicos têm sido muito importantes em mostrar o que há de semelhante entre os indivíduos de diferentes culturas ao mesmo tempo em que apontam as diferenças decorrentes do ambiente sócio-cultural em que eles vivem. Nesse sentido, acreditamos que nosso estudo possa contribuir para apontar o que existe de comum na brincadeira e aspectos peculiares da cultura indígena Parakanã.

A brincadeira, atividade característica de espécies com período prolongado de imaturidade e período de vida mais longo, possui grandes custos de energia e não há benefícios imediatos. Entretanto, se esse comportamento se mantém ao longo do desenvolvimento dessas espécies, isso indica que os benefícios alcançados posteriormente devem compensar os custos, portanto a brincadeira teria uma funcionalidade (Carvalho, 1981; Smith, 1982).

Bruner (1978) afirma que a brincadeira possui duas funções: a de minimizar os efeitos de uma ação, promovendo a aprendizagem em uma situação de pouco risco e a de fornecer oportunidades de combinar comportamentos que em outras circunstâncias não seriam praticados. Para Smith (1982) a brincadeira proporciona o treino físico e o treino de habilidades sociais competitivas como luta e predação de maneira segura por indivíduos jovens. Ambos os autores dão importância à brincadeira e a representam como um palco de ambiente seguro para aprendizagem de habilidades que futuramente serão necessárias.

No caso das crianças Parakanã poderíamos dizer que nadar no rio e subir em árvores, por exemplo, são atividades físicas bastante ativas que estariam contribuindo para aquisição de melhor capacidade física geral no futuro, indispensável à vida na mata. Quando os meninos brincam de arco e flecha perseguindo pequenos animais na própria aldeia, eles estão treinando habilidades predatórias em ambiente seguro. As brincadeiras turbulentas, que exercitam habilidades de luta, que foram observadas entre os Parakanã, ocorreram entre crianças de mesma idade ou mesmo porte físico, o que segundo Smith (1982) tornaria essa prática mais vantajosa e menos perigosa.

Outro tipo de brincadeira, a simbólica, possui a função específica de ser dirigida a determinados alvos que tornariam a atividade mais complexa e útil para determinada situação (Smith, 1982). Entretanto, nas sociedades urbanas atuais há muito conteúdo fantástico nas brincadeiras simbólicas, o que pode ser explicado pelo fato do trabalho dos adultos estar distanciado das crianças pequenas (Smith, 1982), além de haver também forte influência de filmes e programas de televisão (Moraes & Carvalho, 1994). Nessas sociedades enquanto as meninas ainda continuam a brincar de temas domésticos, como fazer comida e cuidar de crianças, os meninos preferem brincar de super-heróis e animais e quando estes representam a figura paterna nas brincadeiras, o pai aparece saindo para o trabalho, de carro e voltando para casa (Moraes & Carvalho, 1994). Em contrapartida, nas sociedades não urbanas esse tipo de brincadeira está mais diretamente relacionado às atividades de subsistência dos adultos (Smith, 1982) e é isto que ocorre com as crianças Parakanã. Os meninos Parakanã conhecem o trabalho do pai e o reproduzem nas suas brincadeiras.

A diminuição da freqüência de brincadeiras simbólicas e o aumento dos jogos de regras conforme o avanço da idade das crianças Parakanã também confirma os achados de um estudo realizado em quatro culturas diferentes – Brasil, Coréia, Estados Unidos e Suécia (Women Researchers in Play and Disabilities, 1993). Papalia e Olds (1990) afirmam que crianças pré-escolares se divertem brincando de areia e barro, além disso, nesta fase a brincadeira simbólica atinge o seu auge até que, em uma fase posterior, seja substituída pelos jogos de regras. Os dados encontrados estão de acordo com as autoras uma vez que as crianças menores apresentaram maior freqüência de brincadeiras simbólica e de construção (construção em areia e modelagem em argila) e somente a partir dos oito anos é que os jogos de regras foram mais praticados. Estes resultados mostram que determinadas brincadeiras exigem um nível de maturação cognitiva que ocorre em uma certa fase do desenvolvimento independentemente do grupo social ao qual a criança pertence.

A diferença entre gênero e idade encontrada na brincadeira de construção pode ser função de peculiaridades da cultura Parakanã, pois as meninas pequenas que brincavam de fazer cestos de palha, por exemplo, a partir dos oito anos já estariam fazendo e usando cestos em tamanho real para realizar as atividades domésticas da aldeia. Além disso, algumas meninas de 10, 11 e 12 anos que participaram da pesquisa já eram casadas e, portanto, realizavam as suas atividades juntamente com as mulheres do grupo. Esses fatores podem explicar a diminuição da frequência de brincadeiras de construção entre as meninas maiores. Provavelmente elas deixaram de "brincar de construir" e passaram a ter que construir de verdade.

Podemos observar nas brincadeiras das crianças Parakanã uma clara distinção de papéis sexuais, onde as atividades desempenhadas refletem o ambiente sócio-cultural desses índios. Os homens Prakanã caçam, pescam, dirigem um barco a motor e também defendem o seu território, enquanto as mulheres cuidam das crianças, fazem a comida, lavam a roupa, tecem cestos para carregar utensílios e fazem pintura corporal, entre outras atividades. No mundo infantil dessa sociedade, observamos os meninos brincando de caçar, de pescar e de dirigir barcos ou carros (esta última atividade é desempenhada por motoristas do sexo masculino, funcionários do PROPKN) e as meninas brincam de lavar roupa, fazer cestos de palha, fazer farinha e pintar o corpo.

Assim como entre as crianças urbanas, onde a atividade doméstica predomina na brincadeira das meninas, diferindo dos meninos que brincam de transportes ou animais (Moraes & Carvalho, 1994), crianças de pequenas comunidades africanas também apresentam diferenças de gênero nas suas atividades. Como as crianças Parakanã, elas vivem observando os adultos e brincam imitando-os. Essas brincadeiras específicas de meninos e de meninas se transformam gradualmente, a medida em que as crianças crescem, em trabalhos tipicamente masculinos e femininos daquela cultura (Leacock, 1978).

As formas das brincadeiras das crianças indígenas Parakanã também não poderiam ser diferentes. Essas crianças vivem isoladas em uma comunidade onde homens e mulheres possuem tarefas bem distintas e precisam aprender habilidades específicas para sobrevivência em grupo em um ambiente físico bem distinto das grandes cidades. Longe da influência da mídia e de centros urbanos, crianças Parakanã convivem com adultos de seu grupo e desde cedo observam e participam das suas atividades. Provavelmente, um homem e uma mulher Parakanã não seriam *awaete* (gente de verdade) se não soubessem realizar as tarefas específicas do seu respectivo gênero satisfatoriamente. Da mesma forma, os *toria* (designação dos Parakanã a todo aquele que não é índio) também transmitem seus respectivos valores,

conhecimentos e normas de interação através das brincadeiras e assim, as crianças *awaete* e *toria* passam a incorporar gradativamente as regras do seu próprio grupo. E cada um crescerá achando as suas normas verdadeiras e mais naturais do que as do outro. Não importa o quão estranho um *toria* possa parecer a um *awaete* ou vice-versa, cada grupo viverá achando que somente os membros de sua comunidade são gente de verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Altmann, J. (1974). Observational study of behavior sampling methods. *Behavior*, 49, 227-265.
- Bruner, J. S. (1978). Nature and uses of immaturity. In: J. S. Bruner, A. Jolly & Sylva, (Eds.). *Play: - Its role in development and evolution*. pp. 28-64. London: Penguin Books. (Originalmente publicado em 1976).
- Carvalho, A. M. A. (1981). Interação social e brinquedo. Apresentado na *XI Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*, Ribeirão Preto.
- Carvalho, A. M. A. & Beraldo, K. E. A. (1989). Interação criança-criança: ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas. *Caderno de pesquisa*, 71, pp. 55-61.
- Carvalho, J. P. (1994). *Programa Parakanã*. Convênio ELETRONORTE/FUNAI. Trabalho não publicado.
- Emídio-Silva, C. (1998). *A caça de subsistência praticada pelos índios Parakanã (sudeste do Pará): características e sustentabilidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém.
- Gosso, Y. (1999). *Expressão de raiva em duas culturas: o papel dos componentes faciais no seu reconhecimento*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém.
- Leacock, E. (1978). At play in African Villages. In: J. S. Bruner, A. Jolly & Sylva, (Eds.). *Play - Its rôle in development and evolution*. pp. 466-473. London: Penguin Books. (Originalmente publicado em 1976).
- Lordelo, E. R. & Carvalho, A. M. A. (1989). Comportamento de cuidado entre crianças: uma revisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.5(1), pp.1-19.
- Magalhães, A. C. (1982). *Os Parakanã: quando o rumo da estrada e o curso das águas perpassam a vida de um povo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Magalhães, A. C. (1994). *Os Parakanã: espaços da socialização e suas articulações simbólicas*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Montserrat, R. M. F. (1994). Línguas indígenas no Brasil contemporâneo. Em: L. D. B. Grupioni (org.). *Índios do Brasil*. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília.
- Moraes, M. L. S. (trabalho não publicado). Tipos de Brincadeira.
- Moraes, M. L. S. & Carvalho, A. M. A. (1994). Faz-de-conta: temas, papéis e regras na brincadeira de crianças de quatro anos. *Boletim de Psicologia*, v.XLIV(100/101), p.21-30.
- Papalia, D. E. & Olds, S. W. (1990). *A child's world: infancy through adolescence*. New York: McGraw-Hill.
- Parker, S. T. (1984). Playing for keeps: na evolutionary perspective on human games. In: P. K. Smith (ed.) *Play in animals and humans*, pp. 271-293. Oxford, UK: Basil Blackwell.
- Peller, L. E. (1971). Models of children's play. In: R. E. Herron & B. Sutton-Smith (eds.) *Child's play*. New York: John Wiley.
- PROGRAMA PARAKANÃ (2000). *População Parakanã – ano 2000*. Programa Parakanã, convênio FUNAI – ELETRONORTE.
- Silva, C. F. (1997). *A dialética da predação e familiarização entre os Parakanã da Amazônia Oriental: por uma teoria da guerra ameríndia*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Smith, P. K. (1982). Does play matter? Funcional and evolutionary aspects of animal and human play. *Behavioral and Brain Sciences*, 5, 139-184.
- Smith, P. K. (1988). Children's play and its role in early development: A re-evaluation of the 'Play Ethos'. In: A. D. Pellegrini (Ed.). *Psychological bases for early education*. pp. 207-226. New York: John Wiley & Sons Ltd.
- Vidal, L. (1984/1985). Os Parakanã. *Revista de Antropologia*, v 27/28, pp.197-202.
- Women Researchers in Play and Disabilities (1993). *Children's concept of play: a study in four countries*. Sweden.